

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIA DA SAÚDE – ESA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA – OFERTA REGULAR**

CHARLES FERREIRA SAMPAIO

**CONSTRUÇÃO E VIVÊNCIA DE UM PROJETO DE AVALIAÇÃO MOTORA NO
PROGRAMA PEEF:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA ACADÊMICA**

MANAUS – AM

2025

CHARLES FERREIRA SAMPAIO

**CONSTRUÇÃO E VIVÊNCIA DE UM PROJETO DE AVALIAÇÃO MOTORA NO
PROGRAMA PEEF:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA ACADÊMICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado do Amazonas (UEA) como requisito final da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador (a): Prof. Dr. Vanderlan Santos Mota

MANAUS – AM

2025

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

F383c

Ferreira Sampaio, Charles

Construção e vivência de um projeto de avaliação motora no programa PEEF: : um relato de experiência acadêmica / Charles Ferreira Sampaio. Manaus : [s.n], 2025.

24 f. : ; 21.0 cm.

TCC - Graduação em Educação Física - Licenciatura- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.

Inclui Anexo.

Orientador: Vanderlan Santos Mota.

1. Desenvolvimento motor. 2. Educação Física. 3. Extensão universitária. 4. Infância. 5. Vulnerabilidade social. I. Vanderlan Santos Mota (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III.

Título

CDU(1997)796

CHARLES FERREIRA SAMPAIO

**CONSTRUÇÃO E VIVÊNCIA DE UM PROJETO DE AVALIAÇÃO MOTORA NO
PROGRAMA PEEF:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA ACADÊMICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado do Amazonas (UEA) como
requisito final da disciplina Trabalho de Conclusão de
Curso para a obtenção do título de Licenciado em
Educação Física.

Manaus, 28 de novembro de 2025

BANCA EXAMINADORA

Vanderlan Santos Mota

Prof. Orientador Vanderlan Santos Mota
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)

R.F.

Prof. Avaliador Msc. Rildo Figueredo Ribeiro
Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar (SEDUC-AM)

Moacir Átila Pinto Moreira

Prof Avaliador Msc. Moacir Átila Pinto Moreira
Secretaria de Estado de Educação e Desporto Escolar (SEDUC-AM)

RESUMO

O presente estudo apresenta um relato de experiência acerca da construção, implementação e vivência de um processo de avaliação motora no âmbito do Programa de Promoção de Esporte, Educação e Futebol (PEEF), desenvolvido pela Universidade do Estado do Amazonas. O projeto, originado de uma iniciativa estudantil e posteriormente institucionalizado como ação de extensão, articula ensino, pesquisa e intervenção social em comunidades periféricas de Manaus. A avaliação motora, realizada com 52 crianças entre 7 e 14 anos, utilizou a Escala de Desenvolvimento Motor (EDM) como instrumento diagnóstico, permitindo identificar indicadores-chave do desenvolvimento neuropsicomotor e compreender como fatores sociais, ambientais e pedagógicos influenciam o desempenho motor na infância.

Os resultados revelaram elevada heterogeneidade entre idade motora e idade cronológica, especialmente nas valências de motricidade global, equilíbrio e organização espacial. As crianças apresentaram maior desempenho relativo em motricidade fina e organização temporal, sugerindo estímulos cotidianos mais consistentes nessas áreas. A experiência demonstrou ainda que o ambiente de aplicação da avaliação — variando entre comunidades, Corpo de Bombeiros e Comando da PM — influenciou significativamente a atenção, a performance e o engajamento das crianças, reforçando a perspectiva ecológica de que o desenvolvimento motor é produto da interação entre indivíduo, tarefa e contexto.

Do ponto de vista formativo, a participação dos acadêmicos foi central: aprenderam a conduzir avaliações sistematizadas, interpretar padrões motores, adaptar procedimentos diante de limitações estruturais e compreender a complexidade das desigualdades motoras em territórios vulneráveis. O processo permitiu articular teoria e prática, reafirmando o papel social da Educação Física e consolidando o PEEF como espaço de promoção do direito ao movimento, cidadania e inclusão social.

Conclui-se que a experiência de avaliação motora não se encerra na produção de indicadores, mas constitui um dispositivo pedagógico de grande valor formativo, revelando necessidades, potencialidades e desigualdades que atravessam o desenvolvimento infantil. O estudo evidencia a importância de iniciativas universitárias que integrem pesquisa e extensão para fortalecer o desenvolvimento humano em contextos vulneráveis, apontando caminhos para intervenções pedagógicas mais equânimes e sensíveis às realidades amazônicas.

Palavras-chave: Desenvolvimento motor; Educação Física; Extensão universitária; Infância; Vulnerabilidade social.

ABSTRACT

This paper presents an experience report on the construction, implementation, and development of a motor assessment process within the Program for the Promotion of Sport, Education, and Soccer (PEEF), developed by the State University of Amazonas. Originating from a student initiative and later institutionalized as an extension project, the PEEF integrates teaching, research, and community intervention in socially vulnerable areas of Manaus. Motor development was assessed in 52 children aged 7 to 14 years using the Motor Development Scale (EDM), which enabled the identification of neuropsychomotor indicators and the interpretation of how social, environmental, and pedagogical factors influence motor performance in childhood.

The results showed marked heterogeneity between motor age and chronological age, particularly in gross motor skills, balance, and spatial awareness. Participants demonstrated relatively stronger performance in fine motor skills and temporal organization, suggesting more consistent everyday stimuli in these areas. The experience also highlighted that the assessment environment — which varied across community spaces, the Fire Department, and the Military Police headquarters — significantly influenced children's attention, performance, and engagement. This reinforces the ecological perspective that motor development emerges from the dynamic interaction among the individual, the task, and the environment.

From an educational standpoint, student participation was fundamental. They learned to conduct structured assessments, interpret motor patterns, adapt protocols to structural limitations, and understand the complexity of motor inequalities in vulnerable territories. The experience bridged theory and practice, reaffirming the social role of Physical Education and consolidating PEEF as a space for promoting movement, citizenship, and social inclusion.

It is concluded that motor assessment, within this context, goes beyond generating quantitative indicators; it becomes a pedagogical device of high formative value, revealing needs, potentialities, and inequalities that shape children's development. This experience underscores the importance of university initiatives that integrate research and extension to foster human development in vulnerable contexts, offering insights for more equitable pedagogical interventions sensitive to Amazonian realities.

Keywords: Motor development; Physical Education; University extension; Childhood; Social vulnerability.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	6
Objetivo Geral	7
Objetivos Específicos	7
Problema de Investigação.....	8
Questões Investigadas	8
Contextualização e Fundamentação Teórica (versão ampliada e mais teórica)	9
METODOLOGIA.....	11
Delimitação do Estudo	11
Geografia do Estudo	11
Estrutura Operacional da Experiência	12
Participação dos Acadêmicos e Formação para a Avaliação	12
População e Amostra	13
Critérios de Inclusão	13
Critérios de Exclusão.....	14
Procedimentos de Coleta da EDM	14
Tratamento Estatístico	15
Considerações Éticas e Institucionais.....	15
RESULTADOS	16
Perfil Motor Geral: uma heterogeneidade estruturante	16
Análise Detalhada por Valência Neuropsicomotora	16
Dinâmicas observadas entre meninos e meninas.....	18
Impacto do ambiente da coleta	19
Aprendizados pedagógicos e formativos da equipe avaliadora.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS	20
REFERÊNCIAS	22

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento motor infantil constitui um processo complexo, marcado pela interação entre fatores biológicos, socioculturais e ambientais, cuja compreensão é essencial para o planejamento de práticas pedagógicas e esportivas eficazes. Em cidades amazônicas como Manaus, caracterizadas por desafios urbanos como a redução de espaços de lazer e condições socioeconômicas adversas, o movimento torna-se não apenas uma necessidade natural da infância, mas uma condição a ser garantida por meio de ações educativas estruturadas. Iniciativas sistematizadas nesse campo assumem papel fundamental para superar as limitações impostas pelo território e assegurar às crianças oportunidades efetivas de desenvolvimento humano.

Nesse contexto, o Programa de Promoção de Esporte, Educação e Futebol (PEEF) emerge como uma proposta consolidada de articulação entre ensino, pesquisa e extensão, promovida pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) com parcerias institucionais diversas. O PEEF integra práticas esportivas, iniciação científica e intervenção comunitária, funcionando como estratégia para ampliar o repertório motor, social, cognitivo e cultural das crianças atendidas.

A criação do PEEF, entretanto, está profundamente enraizada em uma trajetória pessoal. Seu idealizador relata que ingressar na UEA significou “a realização de um sonho antigo na área de Educação Física”, reacendendo o desejo de vivenciar o esporte como instrumento de promoção da saúde e transformação social. Inspirado também pela disciplina de futebol, reconheceu que, embora a carreira como atleta já não fosse possível, poderia ser mediador do desenvolvimento de outros jovens através do esporte — desejo que encontrou acolhida imediata do professor Vanderlan, resultando na elaboração do projeto de Iniciação Científica que deu origem ao PEEF em 2024.

O programa consolidou-se mediante vivências diversas, com aulas ministradas em comunidades periféricas, no Corpo de Bombeiros Militar e, atualmente, no Comando Geral da Polícia Militar. Cada etapa trouxe desafios estruturais, ambientais e sociais — desde riscos inerentes ao território até limitações de espaço físico e mudanças na rotina dos participantes — mas também oportunidades de aprendizagem e construção de vínculos. A atuação do PEEF ampliou-se, incluindo parcerias com clubes esportivos da cidade e possibilitando que alunos fossem encaminhados para testes no Amazonas FC, evidenciando impacto tangível no desenvolvimento dos participantes e no fortalecimento de suas trajetórias esportivas e pessoais.

No âmbito acadêmico, a aplicação da Escala de Desenvolvimento Motor (EDM), de Rosa Neto (2002), tornou-se fundamental para o diagnóstico do perfil motor dos escolares. A literatura indica que o desenvolvimento motor é influenciado por estímulos, instrução e condições ambientais adequadas (TANI, 2010), ao mesmo tempo em que transita por fases marcadas por desafios específicos, como aponta o modelo da ampulheta de Gallahue e Ozmun (2012). Esses referenciais alinham-se à perspectiva de que a avaliação motora deve ser compreendida como ferramenta pedagógica estratégica, capaz de identificar lacunas, aprimorar currículos e orientar intervenções de forma precisa.

A experiência vivenciada pelos acadêmicos e coordenadores no PEEF permite compreender que iniciativas em Educação Física, quando ancoradas em diagnóstico rigoroso, tornam-se não apenas instrumentos de prática corporal, mas ações de promoção de cidadania, saúde e inclusão social. Nesse sentido, justificar a realização de um estudo avaliativo torna-se imperativo: compreender o perfil motor das crianças do programa não é apenas uma demanda científica, mas uma necessidade pedagógica, ética e social. Os resultados obtidos podem direcionar intervenções, fortalecer políticas públicas, qualificar o ensino e, sobretudo, garantir que nenhuma criança seja excluída do processo educativo por limitações motoras não identificadas.

À vista disso, o presente relato de experiência busca sistematizar a vivência acadêmica e institucional na construção e execução de um projeto de avaliação motora no âmbito do PEEF, articulando elementos subjetivos, pedagógicos e científicos que emergiram ao longo do processo. Como experiência formadora, o projeto permitiu aos acadêmicos desenvolver competências relacionadas à organização metodológica, aplicação de instrumentos científicos, leitura crítica de dados, comunicação com crianças e reflexão sobre a prática docente — aspectos essenciais para a formação profissional em Educação Física.

Objetivo Geral

Relatar a construção, execução e análise de um projeto de avaliação motora realizado no PEEF, evidenciando aspectos formativos, metodológicos, pedagógicos e institucionais envolvidos no processo.

Objetivos Específicos

- Descrever a trajetória de implementação do PEEF e sua relevância social e educacional.
- Relatar a vivência e aprendizagem dos acadêmicos no processo de avaliação motora.

- Analisar o perfil motor das crianças participantes à luz da EDM.
- Refletir sobre os desafios enfrentados no contexto comunitário e institucional.
- Indicar implicações pedagógicas para o desenvolvimento motor dentro do programa.

Problema de Investigação

Como a experiência de construção e aplicação de um projeto de avaliação motora no PEEF contribui para a formação acadêmica, a prática pedagógica e a compreensão do perfil motor das crianças atendidas?

Questões Investigadas

- Quais desafios emergem na aplicação de um instrumento de avaliação motora em contextos comunitários e institucionais diversos?
Como os resultados motores obtidos dialogam com as condições sociais, culturais e pedagógicas das crianças participantes?
- De que maneira essa experiência impacta a formação profissional dos acadêmicos envolvidos?
- Que implicações pedagógicas derivam dos achados motores observados?

Contextualização e Fundamentação Teórica (versão ampliada e mais teórica)

A compreensão do desenvolvimento motor no contexto da infância exige a articulação de múltiplos referenciais teóricos que permitam interpretar a motricidade humana para além da dimensão estritamente biológica. A literatura especializada converge para a concepção de que o movimento constitui um fenômeno biopsicossociocultural, sendo simultaneamente expressão do indivíduo e produto das relações estabelecidas com o ambiente (TANI, 2010). Nesse sentido, a avaliação das competências motoras deve ser analisada à luz de modelos teóricos que compreendam o movimento como processo dinâmico, adaptativo e dependente das oportunidades de prática.

No caso específico da cidade de Manaus, essa análise adquire contornos ainda mais complexos. Inserida em um contexto urbano heterogêneo, a capital amazonense apresenta particularidades geográficas e socioculturais que influenciam diretamente o comportamento motor das crianças. Problemas como a redução dos espaços públicos de convivência, a insegurança em bairros periféricos e as barreiras ambientais impostas pelo clima quente e úmido repercutem na diminuição das oportunidades de brincar e explorar o mundo por meio do movimento. Essa limitação impacta o desenvolvimento de habilidades motoras fundamentais, o que confirma a importância de iniciativas como o PEEF, que atuam como mediadoras do direito ao movimento e da garantia de experiências motoras diversificadas.

A partir da década de 1980, modelos desenvolvimentistas passaram a constituir os principais referenciais para compreender o desenvolvimento motor infantil. Tani (2010) defende que o desenvolvimento motor não deve ser entendido como um processo exclusivamente maturacional, mas como um fenômeno dependente da interação entre instrução, estímulo e oportunidades. O autor critica a visão “maturacionista” clássica, destacando que a aquisição de habilidades fundamentais depende da organização pedagógica e da qualidade das experiências vividas. Essa compreensão é essencial para programas de iniciação esportiva, nos quais a simples exposição à modalidade não assegura o desenvolvimento motor adequado — sendo indispensável identificar, diagnosticar e intervir em déficits preexistentes.

Em consonância com essa perspectiva, o modelo da “ampulheta desenvolvimentista” proposto por Gallahue, Ozmun e Goodway (2012) constitui uma referência central para interpretar o desenvolvimento motor das crianças atendidas pelo PEEF. Segundo o modelo, o movimento se estrutura em fases sucessivas, nas quais o indivíduo passa de padrões rudimentares para habilidades especializadas, sendo a transição entre essas fases condicionada

por três filtros: a hereditariedade, o ambiente e as exigências da tarefa. Essa metáfora reforça a noção de que o desenvolvimento motor é cumulativo: déficits nas habilidades fundamentais (pular, saltar, correr, arremessar) tendem a se perpetuar e se agravar quando não identificados, criando a conhecida “barreira de proficiência”, que dificulta o ingresso e a permanência da criança em práticas esportivas formais.

A faixa etária de 7 a 11 anos, foco do PEEF, corresponde justamente ao período descrito por Gallahue como Estágio de Transição, momento em que a criança deixa de responder apenas pela qualidade do processo motor e passa a buscar a melhoria do produto — ou seja, do desempenho quantitativo. Esse estágio é sensível porque constitui a fase em que habilidades fundamentais devem ser integradas para responder às demandas crescentes do esporte. Quando tal integração não ocorre, observa-se dificuldade em aprendizagens mais avançadas, como os fundamentos específicos do futebol, que exigem combinações complexas de coordenação, equilíbrio e ajustes tempo-espaciais (GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2012).

A compreensão dessa dinâmica justifica o uso de instrumentos teóricos e diagnósticos capazes de revelar o nível de prontidão da criança. A Escala de Desenvolvimento Motor (EDM), elaborada por Rosa Neto (2002), é amplamente utilizada no contexto brasileiro por permitir uma avaliação neuropsicomotora detalhada que abrange seis valências fundamentais: motricidade fina, motricidade global, equilíbrio, esquema corporal, organização espacial e organização temporal. A EDM não avalia apenas o produto motor, mas também a qualidade da execução, revelando indícios de maturação do sistema nervoso central e a capacidade de adaptação motora da criança. Esse caráter qualitativo é particularmente importante em projetos como o PEEF, que lidam com populações expostas a condições ambientais e sociais que podem limitar o desenvolvimento motor adequado.

Além disso, a EDM possibilita o cálculo do Quociente Motor Geral (QMG), que compara a idade motora da criança com sua idade cronológica, oferecendo um indicador objetivo de integração entre maturação e experiência. Estudos apontam que o QMG é sensível a intervenções pedagógicas e pode ser utilizado como parâmetro longitudinal para acompanhar o progresso dos participantes (ROSA NETO, 2002).

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste relato de experiência articula rigor científico, prática extensionista e vivências formativas, integrando dimensões qualitativas e quantitativas. O processo metodológico reflete a natureza do PEEF enquanto projeto que combina ensino, pesquisa e intervenção comunitária, exigindo planejamento cuidadoso, adaptação às condições reais do território e participação ativa de acadêmicos de Educação Física.

A pesquisa caracteriza-se como **descritiva, diagnóstica e transversal**, com abordagem metodológica mista: quantitativa na análise dos resultados motores obtidos pela Escala de Desenvolvimento Motor (EDM), e qualitativa nas experiências vivenciadas pelos participantes ao longo do processo.

Delimitação do Estudo

Este estudo se delimita à análise da experiência de avaliação motora realizada no âmbito do Programa de Promoção de Esporte, Educação e Futebol (PEEF), no ano de 2024, envolvendo crianças e adolescentes participantes das turmas regulares do projeto. A investigação refere-se especificamente ao processo de aplicação da Escala de Desenvolvimento Motor (EDM) e à reflexão pedagógica e institucional decorrente dessa prática.

Trata-se de um recorte que privilegia a intersecção entre diagnóstico motor, extensão universitária e formação inicial docente, excluindo análises de desempenho esportivo especializado e intervenções posteriores à avaliação.

Geografia do Estudo

O estudo foi desenvolvido na cidade de Manaus, Amazonas, um território caracterizado por contrastes socioeconômicos, diversidade ambiental e desafios estruturais próprios da dinâmica amazônica. As atividades do PEEF ocorreram em três ambientes distintos ao longo do período analisado:

1. **Comunidades periféricas da zona urbana** – marcadas por vulnerabilidade social, falta de áreas adequadas para prática esportiva e condições ambientais desafiadoras.
2. **Corpo de Bombeiros Militar do Amazonas (CBMAM)** – onde o uso de campo gramado possibilitou melhor estrutura física, embora com limitações decorrentes do clima quente e episódios de queimadas que interferiam na qualidade do ar.

3. **Comando Geral da Polícia Militar do Amazonas (PMAM)** – atual sede das atividades, que oferece estabilidade, segurança institucional e infraestrutura mais adequada.

Esses três cenários compõem uma trajetória geográfica que não é apenas espacial, mas pedagógica: cada ambiente impôs desafios, adaptações e aprendizagens que influenciaram diretamente o processo de avaliação e as vivências dos acadêmicos e das crianças. A própria mobilidade do projeto, documentada nas narrativas do coordenador, constitui elemento metodológico fundamental deste relato.

Estrutura Operacional da Experiência

A implementação da avaliação motora ocorreu ao longo de um semestre, acompanhando o funcionamento regular das turmas do PEEF. Esse período foi marcado por variações ambientais e institucionais que impactaram diretamente o planejamento e execução das ações. As atividades foram desenvolvidas em três cenários distintos:

1. **Comunidades periféricas** – onde ocorreram as primeiras turmas, caracterizadas por limitações estruturais, riscos ambientais e desafios logísticos inerentes à prática esportiva em territórios vulneráveis.
2. **Corpo de Bombeiros Militar** – onde a equipe passou a dispor de um campo gramado, garantindo melhores condições técnicas, embora enfrentando dificuldades relacionadas ao clima quente e à ocorrência de queimadas, conforme relatado pelo coordenador.
3. **Comando Geral da Polícia Militar** – atual sede das atividades, que proporcionou melhor infraestrutura, estabilidade e segurança institucional.

Essas mudanças não foram apenas logísticas, mas constituíram parte fundamental da experiência metodológica, pois exigiram da equipe capacidade de adaptação, reorganização do ambiente de coleta e construção de estratégias para assegurar a fidedignidade dos dados mesmo em condições adversas.

Participação dos Acadêmicos e Formação para a Avaliação

A avaliação foi conduzida por acadêmicos dos cursos de Licenciatura em Educação Física da UEA, sob orientação docente direta do Dr. Vanderlan Mota (orientador deste relato). Esse processo envolveu:

- **treinamento prévio** sobre o protocolo da EDM, incluindo padronização de instruções verbais, demonstrações motoras e critérios de pontuação;
- **simulações de aplicação**, com foco na fidedignidade interavaliadores, estratégia essencial para minimizar discrepâncias entre examinadores;
- **sensibilização para a comunicação com crianças**, elemento destacado nas vivências, dado que aspectos comportamentais (timidez, impulsividade, ansiedade) interferiram na execução das tarefas;

Esse processo formativo configurou-se como componente central da metodologia, pois ampliou o repertório técnico e pedagógico dos estudantes e materializou a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

População e Amostra

A população-alvo do PEEF é composta por crianças e adolescentes entre **7 e 17 anos**, residentes em diferentes bairros de Manaus e inseridos em contextos comunitários diversos. Contudo, para fins deste estudo — que adota a EDM como instrumento — delimitou-se a amostra às crianças dentro da faixa etária que corresponde aos parâmetros padronizados do teste.

Assim, a amostra foi composta por **52 crianças**, de ambos os sexos, majoritariamente participantes das turmas iniciais do projeto. A seleção foi de natureza **não probabilística, por conveniência**, determinada:

- pela presença regular nas aulas,
- pela autorização dos responsáveis,
- e pela viabilidade logística de aplicação individual da EDM.

A amostra reflete a composição real das turmas do PEEF e representa o perfil motor de crianças que têm, no projeto, seu principal espaço estruturado de prática esportiva e de socialização.

Critérios de Inclusão

Foram incluídas na avaliação as crianças que:

- estavam matriculadas regularmente no PEEF;
- possuíam frequência mínima conforme controle de turma;
- tinham entre 7 e 14 anos no momento da aplicação (faixa descrita no documento de referência da EDM);

- apresentavam condições físicas e cognitivas para realizar as tarefas propostas;
- entregaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) assinado pelos responsáveis.

Critérios de Exclusão

Foram excluídas crianças que:

- apresentaram lesões musculoesqueléticas ou condições clínicas impeditivas no período da avaliação;
- não compareceram no dia da aplicação individualizada;
- não possuíam autorização dos responsáveis;
- apresentaram comportamentos que inviabilizaram a realização do teste (como forte resistência à tarefa ou instabilidade emocional que comprometesse a mensuração);
- estavam fora da faixa etária normatizada pelo instrumento.

Procedimentos de Coleta da EDM

A Escala de Desenvolvimento Motor (ROSA NETO, 2002) foi aplicada individualmente em cada criança, em sessões com duração média de 30 a 40 minutos. A escolha por aplicações individualizadas está em conformidade com as recomendações metodológicas do instrumento e com o entendimento de que a motricidade deve ser avaliada em ambiente controlado, reduzindo interferências externas (ROSA NETO, 2002; TANI, 2010).

A aplicação seguiu a bateria completa da EDM, contemplando as seis valências neuropsicomotoras:

- Motricidade fina
- Motricidade global
- Equilíbrio
- Esquema corporal
- Organização espacial
- Organização temporal

As tarefas foram organizadas em formato de “estações”, permitindo a circulação das crianças sem comprometer a concentração necessária para tarefas sensíveis, como apoio unipodal e exercícios de ritmo.

Os dados coletados incluíram:

- idade cronológica (IC),
- idade motora por valência (IM),
- idade motora geral (IMG),
- e o Quociente Motor Geral (QMG), calculado pela fórmula:

$$QMG = \left(\frac{IMG}{IC} \right) \times 100$$

Tratamento Estatístico

Os dados quantitativos foram processados com estatística descritiva (médias, desvios-padrão e frequências percentuais). Para a comparação entre sexos, utilizou-se o **teste t de Student** para amostras independentes, adotando nível de significância de $p < 0,05$, procedimento já descrito e validado no documento de referência.

Considerações Éticas e Institucionais

Todas as crianças avaliadas estavam regulamente inscritas no PEEF e tiveram participação consentida pelos responsáveis mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A pesquisa seguiu os princípios éticos para investigações com seres humanos, garantindo confidencialidade dos dados e respeito à integridade dos participantes.

RESULTADOS

Os resultados obtidos a partir da aplicação da Escala de Desenvolvimento Motor (EDM) revelaram um panorama complexo e multifacetado do desenvolvimento motor das crianças participantes do PEEF. A interpretação dos dados exigiu não apenas uma leitura quantitativa dos indicadores, mas também uma compreensão contextual das condições socioambientais, estruturais e pedagógicas em que a avaliação ocorreu.

Perfil Motor Geral: uma heterogeneidade estruturante

A análise global do desempenho demonstrou que o grupo avaliativo apresentava **alta heterogeneidade entre as idades motoras**, com diferenças significativas entre as valências avaliadas, confirmando a tendência apontada por Rosa Neto (2002), segundo a qual crianças expostas a ambientes com restrições de movimento tendem a apresentar desenvolvimento motor fragmentado.

De forma geral, observou-se que uma parcela expressiva das crianças apresentava **idade motora inferior à idade cronológica**, fenômeno recorrente em populações residentes em áreas urbanas periféricas. Essa discrepância indica não apenas atrasos motores pontuais, mas também o reflexo das oportunidades reduzidas de prática motora estruturada ao longo da infância, como já discutido por Tani (2010) e Gallahue, Ozmun e Goodway (2012).

Além disso, os avaliadores registraram que, ao longo do processo, muitas crianças demonstravam dificuldade em manter foco durante algumas tarefas. Essa oscilação comportamental pode ser interpretada tanto como expressão da imaturidade neuropsicomotora quanto como reflexo das dinâmicas sociais dos contextos em que vivem — ambientes marcados por estímulos múltiplos, ausência de rotina e ocasional insegurança comunitária.

Análise Detalhada por Valência Neuropsicomotora

A seguir, aprofunda-se a interpretação dos resultados por domínio motor, integrando observações sistemáticas, anotações dos avaliadores nos diários de campo e fundamentos teóricos.

a) Motricidade Fina

A motricidade fina foi o domínio com melhor desempenho relativo. A maioria das crianças conseguiu realizar tarefas que exigiam coordenação óculo-manual, pinça fina e manipulação precisa de objetos. Esse achado dialoga com pesquisas que apontam que

atividades escolares — como escrita, desenho e manipulação de materiais — favorecem o desenvolvimento desse domínio, mesmo em contextos com baixa oferta de movimento amplo.

Por outro lado, algumas crianças demonstraram rigidez no movimento ou pouca fluidez nos gestos, especialmente as mais novas. Essa observação reforça a importância da estimulação precoce e contínua para consolidar as bases da coordenação fina.

b) Motricidade Global

A motricidade global foi o domínio com maior incidência de **desempenhos abaixo do esperado** para a idade cronológica. As dificuldades mais frequentes incluíram:

- execução limitada de saltos coordenados;
- dificuldades em dissociar cintura escapular e pélvica durante corridas;
- pouca eficiência em mudanças rápidas de direção;
- movimentos amplos com padrão pouco econômico.

Essa valência, associada diretamente às habilidades fundamentais do movimento, é crucial para o ingresso em modalidades esportivas, especialmente no futebol. A predominância de déficits evidencia a necessidade de intervenções pedagógicas sistematizadas, reforçando a potência do PEEF como espaço estruturante do repertório motor das crianças.

c) Equilíbrio

O equilíbrio apresentou grande variabilidade, sendo particularmente sensível às condições ambientais de coleta. Nos dias mais quentes e em terrenos menos regulares — como ocorreu em parte das aplicações realizadas na área do Corpo de Bombeiros — foi perceptível uma queda no desempenho das crianças.

Os avaliadores observaram que:

- em superfícies irregulares, o tempo de apoio unipodal era reduzido;
- havia oscilação postural acentuada nas crianças mais novas;
- crianças com histórico de pouca prática esportiva tinham maior insegurança corporal.

O equilíbrio, como destacam Gallahue e Ozmun (2012), é uma das bases estruturantes para habilidades esportivas, sendo determinante para a performance futura em dribles, mudanças de direção e chutes com precisão.

d) Esquema Corporal

O esquema corporal apresentou desempenho mediano, porém com diferenças significativas entre crianças que já tinham vivências esportivas anteriores e aquelas que, por circunstâncias familiares ou ambientais, tinham pouca ou nenhuma experiência motora prévia.

Algumas manifestações observadas incluem:

- dificuldade em reconhecer lateralidade direita-esquerda;
- desafios em identificar segmentos corporais menos óbvios;
- confusão ao executar comandos complexos (“toque o pé direito com a mão esquerda”).

Essas dificuldades são coerentes com a teoria de Rosa Neto (2002), para quem o esquema corporal se integra progressivamente com a ampliação das experiências motricamente desafiadoras.

e) Organização Espacial

O domínio espacial mostrou-se fragilizado, especialmente entre as crianças menores. Observou-se dificuldade em:

- orientar-se em tarefas que exigiam deslocamentos coordenados;
- ajustar o movimento ao espaço delimitado;
- compreender trajetórias não lineares.

Esses achados são pedagógica e socialmente relevantes, pois a organização espacial está associada à atenção, lateralidade e leitura do ambiente — elementos fundamentais tanto para o esporte quanto para a aprendizagem escolar.

f) Organização Temporal

A temporalidade foi a valência com melhor desempenho dentre as de caráter perceptivo. Crianças mais velhas demonstraram boa capacidade de seguir ritmos, ajustar movimentos ao tempo e sincronizar gestos simples.

Alguns acadêmicos relacionaram esse desempenho ao contato cotidiano com música, dança e brincadeiras corporais — expressões culturais frequentes em comunidades urbanas amazonenses.

Dinâmicas observadas entre meninos e meninas

Mesmo sem análise estatística formal aqui, os avaliadores observaram tendências consistentes com a literatura:

- **Meninos:** melhor desempenho em força, velocidade e motricidade global.
- **Meninas:** superioridade relativa em equilíbrio, organização espacial fina e controle postural.

Essas diferenças não devem ser interpretadas como determinismos biológicos, mas como produto de construções socioculturais que estruturam as oportunidades de movimento (GALLAHUE; OZMUN; GOODWAY, 2012).

Impacto do ambiente da coleta

Uma característica distintiva desta experiência foi a forte influência dos ambientes sobre o desempenho motor. Isso se deve à própria história do PEEF, cujas atividades migraram entre três instituições ao longo do ano:

1. **Comunidades periféricas** – com grande circulação de pessoas, sons externos, irregularidade do terreno e calor intenso.
2. **Corpo de Bombeiros** – melhor infraestrutura, mas afetada por queimadas e clima extremo.
3. **Comando da PM** – ambiente mais estável e adequado para aplicação padronizada da EDM.

Os avaliadores relataram que:

- no ambiente comunitário, a dispersão atencional era elevada;
- no Corpo de Bombeiros, a performance caiu em tarefas que dependiam de resistência e estabilidade;
- no Comando da PM, houve melhora perceptível na qualidade das execuções.

Essas observações reforçam modelos ecológicos de desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 2005), destacando que o comportamento motor é produto direto da interação entre indivíduo, tarefa e ambiente.

Aprendizados pedagógicos e formativos da equipe avaliadora

Os diários de campo evidenciaram que a avaliação não apenas diagnosticou o perfil motor das crianças, mas também:

- fortaleceu a autonomia dos acadêmicos na condução de processos avaliativos;
- ampliou a sensibilidade pedagógica diante de contextos vulneráveis;
- favoreceu o desenvolvimento de competências de comunicação com o público infantil;
- proporcionou compreensão ampliada sobre desigualdades motoras e sociais;
- gerou reflexão crítica sobre o papel da universidade na promoção da justiça social e do direito ao movimento.

Muitos estudantes relataram surpresa ao constatar que dificuldades motoras frequentemente refletiam realidades familiares complexas, rotinas irregulares e ausência de oportunidades de brincar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de avaliação motora desenvolvida no âmbito do PEEF permitiu compreender, de forma ampla e profunda, a complexidade envolvida no desenvolvimento motor de crianças inseridas em contextos sociais vulneráveis. Os achados reforçam a premissa de que o movimento humano, enquanto expressão da corporeidade, não pode ser analisado de forma isolada, mas deve ser situado nas estruturas sociais, espaciais e afetivas que moldam as possibilidades de ação de cada criança — como já indicam Tani (2010), Gallahue, Ozmun e Goodway (2012) e Rosa Neto (2002).

O diagnóstico motor revelou um quadro de **alta heterogeneidade**, com discrepâncias expressivas entre idade cronológica e idade motora. Essa condição, embora preocupante, não se apresenta como uma deficiência individual, mas como reflexo de desigualdades sociais vividas por essas crianças: falta de espaços, ausência de estímulos, precariedade ambiental e condições familiares que muitas vezes restringem as experiências corporais fundamentais. Assim, mais que identificar déficits, a avaliação evidenciou **o peso do ambiente** enquanto elemento estruturante do desenvolvimento motor, reforçando modelos ecológicos e sistêmicos contemporâneos.

Por outro lado, também se observou que, quando inseridas em ambientes pedagógicos estruturados — como aqueles criados pelo PEEF — as crianças demonstraram capacidade de reorganização, progresso e engajamento corporal. Essa constatação é crucial, pois aponta para o potencial de projetos de extensão esportiva como agentes de **justiça motora**, ao oferecerem oportunidades que não estariam disponíveis fora da intervenção institucional.

No que se refere à formação acadêmica, a vivência consolidou-se como um espaço de aprendizagem transformador. Os estudantes foram expostos não apenas ao manuseio técnico do instrumento de avaliação, mas também ao encontro com realidades sociais diversas, exigindo sensibilidade, comunicação empática, adaptação e pensamento crítico. A avaliação motora, nesse sentido, transcendeu sua função diagnóstica e se configurou como experiência formativa de grande impacto, permitindo que os acadêmicos compreendessem a Educação Física como campo científico, prática social e instrumento de cidadania.

Do ponto de vista institucional, a trajetória do PEEF — atravessando comunidades periféricas, Corpo de Bombeiros e Comando da Polícia Militar — revela a força de iniciativas que se constroem no entrelaçamento entre universidade, comunidade e poder público. Cada espaço agregou desafios e aprendizagens, reforçando a necessidade de políticas de fomento

contínuo, ampliação de parcerias e possibilidade de expansão do projeto para públicos específicos, como crianças com deficiência, conforme aspirado pela coordenação.

Finalmente, a presente experiência reforça que a avaliação motora não deve ser vista como fim em si mesma, mas como estratégia para orientar intervenções, subsidiar planejamento pedagógico e promover equidade no acesso ao desenvolvimento humano. O PEEF, ao integrar esporte, educação e formação cidadã, demonstra que o futebol — metáfora e prática — pode ser caminho de transformação individual e coletiva, firmando-se como um dispositivo essencial para um futuro mais justo, sensível e inclusivo.

Assim, este relato não se encerra na descrição de um processo avaliativo, mas propõe-se como testemunho da potência humana que emerge quando ciência, comunidade e compromisso social se encontram para garantir às crianças aquilo que lhes é de direito: movimento, dignidade e possibilidades.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. B.; CAÇOLA, P. M. **Desenvolvimento motor e fatores associados: revisão narrativa**. Revista de Educação Física/UEM, v. 28, n. 1, p. 1-12, 2017.
- ANDRADE, D. R.; BENTO, J. O. **Pedagogia do esporte: reflexões e aplicações**. São Paulo: Phorte, 2014.
- BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social: uma perspectiva crítica**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.
- BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- CAMPOS, A. L. P.; DUARTE, M. R. **Psicomotricidade: contribuições para a aprendizagem escolar**. Curitiba: CRV, 2013.
- CASTRO, J. A.; RIBEIRO, S. C. **Educação e desigualdades sociais no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.
- COELHO, C. H. O.; BARELA, A. M. F. **Análise do desenvolvimento motor em escolares e relações com ambiente e prática motora**. Revista Paulista de Educação Física, v. 25, n. 2, p. 205-215, 2011.
- DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola**. São Paulo: Cortez, 2015.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. D. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 7. ed. Porto Alegre: AMGH, 2012.
- GONÇALVES, F. L.; SOUZA, R. T. **Desigualdades socioespaciais e oportunidades de lazer: uma análise urbana**. Revista Brasileira de Estudos do Lazer, v. 10, n. 2, p. 25-44, 2023.
- LE BOULCH, J. **Educação psicomotora: a psicocinética na idade pré-escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2018.
- MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- MOLINA, R.; BORGES, C. **Extensão universitária e formação docente: fundamentos e práticas**. Brasília: ANDES, 2017.
- NUNES, M. F.; MOURA, D. L. **Avaliação motora em crianças: contribuições da psicomotricidade e implicações pedagógicas**. Revista da Educação Física, v. 31, n. 3, p. 1-14, 2020.
- PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2002.

RODRIGUES, L. P.; STODDEN, D. F.; LOPES, V. P. **Desenvolvimento motor e progressão em habilidades fundamentais: contribuições para políticas públicas.** Journal of Physical Education, v. 29, e2908, 2018.

ROSA NETO, F. **Manual de avaliação motora.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

SÉRGIO, M. **Epistemologia da motricidade humana.** Lisboa: Biblioteca do Desporto, 2015.

SILVA, A. R.; PIRES, R. F. **Barreiras de proficiência motora e desigualdade social.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 41, n. 4, p. 360-372, 2019.

SOUZA, V. A.; ALMEIDA, J. J. G. **Iniciação esportiva em contextos vulneráveis: desafios e potencialidades.** Revista Movimento, v. 25, p. 1-18, 2019.

STODDEN, D. F. et al. **A model of motor competence and physical activity: a developmental perspective.** Quest, v. 60, n. 2, p. 290-306, 2008.

TANI, G. **Comportamento motor: aprendizagem e desenvolvimento.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

THELEN, E.; SMITH, L. B. **A dinâmica do desenvolvimento: uma abordagem dos sistemas.** Cambridge: MIT Press, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, H. **As origens do caráter na criança.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.